

«Nunca ninguém questiona o papel dos homens na revolução»

**Política de género e liderança no Partido das Panteras Negras.
1966-71**

Tracye A. Matthews

Tradução pelo colectivo Book Bloc Feminista. O Book Bloc do RDA69 é um grupo de leitura informal que reúne algumas vezes por mês e se debruça sobre vários textos pertinentes para a análise dos tempos que correm.

<http://bookblocrda.wordpress.com/>

«Nunca ninguém questiona o papel dos homens na revolução»

Política de género e liderança no Partido das Panteras Negras, 1966-71

Em meados dos anos 60, os jovens negros dos Estados Unidos começavam a ficar cansados dos líderes dos movimentos dos direitos civis que lhes pediam para dar a outra face para que pudessem “vencer um dia”. A eloquência inspiradora de Martin Luther King Jr. fora desafiada, ridicularizada até, pela mensagem impetuosa de Malcolm X. Para a juventude negra, que se via cada vez mais enfiada nos guetos sobrelotados do Norte do país, muitos dos slogans e ideias do movimento antigo – em particular sobre a não-violência como filosofia – estavam a tornar-se obsoletos. Apesar das conquistas a Sul pelo movimento negro de libertação, as organizações dos direitos civis e os líderes, em especial Luther King, estavam a aperceber-se lenta, mas seguramente, do crescente descontentamento entre os negros face às limitações da legislação aprovada depois de muito suor, principalmente por não se traduzir em melhoria das condições de vida e acabarem com as formas mais complexas de racismo, tanto no Sul como no Norte. O apelo ao “Black Power” passou a ser a ordem do dia.

Com início em 1964 e continuação em todos os verões até 1968, a desilusão, frustração e disparidades económicas alimentaram rebeliões urbanas de comunidades negras por todo o país. Foi nesse contexto que se formou o *Black Panther Party for Self Defense* (BPP - Partido dos Panteras Negras para a Autodefesa) e firmou a sua reivindicação pela liderança das massas negras. Em Outubro de 1966, Huey P. Newton e Bobby Seale fundaram oficialmente o partido em Oakland, Califórnia, uma de muitas cidades norte-americanas conhecidas pelo racismo e pela repressão da força policial. Os alvos principais dos seus esforços organizativos iniciais foram uma juventude masculina negra e urbana descontente, centrando as suas actividades em responder à brutalidade policial através da autodefesa armada. Ainda que a dimensão real do seu eleitorado e quadro associativo seja alvo de discórdia, o partido teve um impacto significativo nos desenvolvimentos ideológicos e políticos do final dos anos de 1960 e inícios de 1970, tanto nacional como internacionalmente.

As actuais manifestações de descontentamento para com os líderes políticos “tradicionais”, especialmente entre jovens afro-americanos, são reminiscências dos sentimentos que conduziram ao movimento de juventude revolucionário do final dos anos 60, em que as Panteras desempenharam um papel crucial. Contudo, apesar de um interesse popular renovado, a ideologia e funcionamento interno do BPP permanecem ocultos de quem teria mais possibilidades de abraçar a onda de resistência do presente. Os primeiros dois anos de funcionamento do Partido dos Panteras Negras já foi ficcionado, romantizado e popularizado pelo recente filme de Hollywood “Panther”, incluindo um elenco que parece mais um *Top +* de programas da BET (*Black Entertainment Television* - canal de televisão voltado para o público afro), uma linha completa de objectos dos Panteras adaptados aos anos 90, dois CD’s “inspirados nos Panteras” e o concurso “Power to the People”, em que o vencedor receberia \$1.000 para empoderamento pessoal. Todavia, o conteúdo (ou falta dele) desta e de muitas outras fontes populares contemporâneas que influenciam a nossa memória colectiva das Panteras, incluindo filmes, música e revistas *hip-hop*, bem como jornais *mainstream*, podem na verdade servir para reproduzir, mais do que rectificar, os erros e enganos do passado.

O objectivo deste ensaio é o de fornecer uma perspectiva sobre um aspecto frequentemente ignorado da história e do legado do BPP, nomeadamente, a sua política de género. A ideologia de género do BPP, tanto a referida a nível formal, como a exemplificada pela prática da organização, era tão crucial para o seu funcionamento diário como era a análise do partido sobre as dinâmicas de raça e de classe nas comunidades negras. Mais do que a política de género do partido ser

secundária face ao esforço “maior” de luta contra o racismo e o capitalismo, afirmo que a política de género é demonstrada pela maioria de aspectos da actividade do partido e afectou a sua capacidade de funcionar como uma organização política. eficaz.

Está ainda por fazer uma análise académica historiográfica e aprofundada da ideologia, das actividades, dos sucessos e falhanços do Partido dos Panteras Negras. Apesar de existirem numerosos relatos escritos em primeira mão em finais dos anos 60, assim como diversas autobiografias e memórias recentemente publicadas, a maioria destas fontes são essencialmente descritivas e não enveredam por uma investigação apurada da raça, classe ou a política de género do Partido. É minha intenção aqui iniciar esse processo com uma análise da construção da ideologia de género dentro do contexto da política do Partido das Panteras de 1966 a 1971. A luta de géneros afectou a ideologia política e as posições tomadas relativamente a uma miríade de questões, relação com as comunidades políticas negras e progressistas mais alargadas, quotidiano laboral e vivencial, e a capacidade da organização em defender-se do boicote patrocinado pelo Estado. A teoria e a *praxis* do partido no que diz respeito às questões de género e de sexualidade devem ser vistas como um processo dinâmico e não linear que foi afectado por factores internos e externos à organização. Esta análise da ideologia de género permite obter uma perspectiva sobre a política interna das comunidades negras, em especial relações do poder entre homens e mulheres, e as inúmeras formas em que esta dinâmica influencia movimentos políticos e percepções populares sobre as mesmas.

Embora muito do discurso público do BPP e de outras organizações do Black Power tendesse a centrar-se em questões definidas geralmente (por eles ou pelos académicos) como de raça e/ou de classe, a contestação em torno da política de género foi um componente significativo do “traslado escondido (e não tão escondido)” no discurso intra-comunidade. Evelyn Brooks Higginbotham sugere que a raça funciona como uma metalinguagem na cultura ocidental e tende a incluir e obscurecer o género, a classe e outras relações sociais. Além disso, argumenta que os trabalhos académicos em estudos das mulheres e a história afro-americana que se baseiam na suposição da homogeneidade racial, de género e de classe “impossibilitam a detecção e o reconhecimento de relações sociais intra-grupais como relações de poder”, negligenciando esforços micro-políticos cruciais em comunidades negras. Neste ensaio, pretendo mostrar como a imagética, a retórica e a prática do BPP contêm componentes de lutas pelo poder em curso, manifestas e escondidas, sobre a identidade de género e sexualidade. Estes esforços, por sua vez, complicam e perturbam noções romantizadas da “construção da nação” e/ou da união negra, tanto históricas, como contemporâneas, que presumem a existência de uma comunidade negra monolítica e privilegiam a autoridade/dominância masculinas na família, bem como nas arenas políticas e culturais.

Nesta análise, género não deve ser entendido como uma categoria discreta em si, mas um de diversos factores em interação, tais como raça, classe, cor, idade e orientação sexual, que compõem e, conjunto as identidades individuais, assim com o terreno social sobre o qual experienciamos as nossas realidades. Afirmar que estou a examinar o género e a política do BPP não significa que este trabalho seja unicamente sobre o sexismo no partido, ou sobre experiências de mulheres. Ao invés, uma análise de género abrange também as experiências dos homens; definições de masculinidade e feminilidade; as interconexões entre género, raça e opressão com base na classe; e o impacto de todos estes factores nos sucessos e falhanços do BPP.

A categoria de género não estava tão politizada e teorizada no final do anos 60 como hoje, por isso deve resistir-se à tentação de impor padrões actuais para medir as referências feministas, nacionalistas ou revolucionárias do BPP. Cada uma destas teorias e categorias sociais deve ser compreendida como sendo específica situacional e historicamente. O que constitui o feminismo ou

o radicalismo num período não é reconhecido necessariamente como tal noutra. Não obstante, é útil comparar e contrastar o feminismo e a consciência de raça através de períodos históricos, analisando continuidades e alterações. Adicionalmente, é possível avaliar que teorias e as acções constituem um desafio ao *status quo* das relações de poder em eras diferentes e, assim, avaliar os méritos de organizações políticas nos seus próprios termos e no seu contexto histórico particular.

As ideias sobre género e os papéis de género estavam longe de serem estáticos dentro do BPP. Com o crescimento numérico e geográfico, a diversidade de classe e de género aumentou nas suas fileiras. Os membros novos trouxeram ideias novas (e velhas) consigo. Apesar da criação autoconsciente inicial, por parte da liderança, de uma identidade pública masculina para as Panteras, algumas mulheres e homens no partido desafiaram a caracterização da luta como sendo essencialmente de resgate da masculinidade negra e trabalharam dentro dos seus constrangimentos para servir aos interesses de toda a comunidade negra. As histórias do BPP não podem ser reduzidas a uma linha de partido monolítico face à “questão da mulher,” ou a uma progressão linear de uma organização abertamente e predominantemente sexista para uma pró-negra feminista/womanista. Pelo contrário, deve prestar-se atenção ao conflito interno, assim como à concordância interna, manifestações explícitas e outras menos explícitas deste diálogo, a sua evolução com o tempo, diversidade de experiências individuais e influências internas e externas. Ainda que se possa afirmar com propriedade que o BPP, em vários momentos da sua história, era uma organização de núcleo e dominação masculinos, tal não deve negar as contribuições ideológicas e pragmáticas importantes dos seus membros femininos ou dos homens que resistiram às tendências chauvinistas e sexistas. É certo que a diversidade, quer geográfica, quer humana, de uma organização com bases de Oakland a Argel, de 1966 a 1982, não pode ser entendida e observada através de explicações simplistas ou contagens superficiais de papéis de liderança oficial. Como será mostrado, as mulheres negras tinham papéis cruciais no BPP e o Partido teve um impacto significativo na vida política de muitos jovens e adultos fora das suas fileiras.

Neste ensaio apresento uma visão geral do contexto sociopolítico mais vasto no que diz respeito à ideologia de género com que o BPP funcionou. Apresento também alguns exemplos da teoria das Panteras em acção, numa tentativa de avaliar a luta de género quotidiana e suas implicações para as vidas dos membros do Partido e a vida do mesmo.

Ideologias de género antagónicas

A designação, consciente ou não, de papéis específicos baseados no género para mulheres e homens dentro do Partido das Panteras Negras começou nos inícios do partido. Naturalmente, este processo não aconteceu numa espécie de vácuo. Assim, será útil primeiro examinar brevemente o contexto em que as Panteras operaram. Além de possuírem as suas próprias ideias sobre os papéis de homens e mulheres na sociedade e dentro do partido, os fundadores e os membros foram influenciados também por ideologias antagónicas e vice-versa. Estas ideologias antagónicas podiam ser ou a favor ou contra o *status quo* da sociedade norte-americana. Três dessas ideologias, que vale a pena mencionar por causa do seu impacto profundo no período em análise, são o nacionalismo cultural, o feminismo e a tese do matriarcado negro/teia de patologia. Estes três discursos ideológicos ilustram a controvérsia da historiadora E. Frances White de que “o contra-discurso luta contra os discursos oposicionistas, sejam dominantes ou antagónicos”. Por outras palavras, a retórica oposicionista do BPP desafiou e foi desafiada por outras perspectivas “alternativas” e ortodoxas. Houve, naturalmente, muitas outras construções teóricas hegemónicas e contra-hegemónicas importantes em luta pela proeminência. Estas três são destacadas devido ao

seu impacto no desenvolvimento da consciência negra, em geral relativamente ao seu período e em particular relativamente ao BPP.

Um dos proponentes mais populares do nacionalismo cultural negro, pelo menos na costa Oeste em finais dos anos 60, foi a organização US, dirigida por Maulana Karenga, com base em Los Angeles. A organização US sublinhou a necessidade de que a consciência cultural entre os negros devesse ser obtida primeiramente com o renascer das tradições africanas - reais ou inventadas - em termos de indumentária, língua, religião e disposições familiares, bem como a rejeição da supremacia branca. O relacionamento entre Karenga, a organização US e o BPP mudou com o tempo, na medida em que as próprias posições ideológicas das Panteras mudaram. Nos primeiros anos do partido, Karenga participou em reuniões e comícios de apoio ao BPP. Contudo, à medida que as respectivas ideologias se foram clarificando e as contradições expostas, o BPP tornou-se contundentemente crítico face à organização US. A crítica do Partido baseava-se principalmente no facto de que o grupo de Karenga promovia o nacionalismo cultural e o capitalismo negro. Tirando partido das teorias de Frantz Fanon, as Panteras afirmavam repetidamente que o orgulho cultural era uma fase necessária no desenvolvimento político das pessoas negras, mas tal não garantiria a libertação, nem a pele negra identificaria necessariamente alguém como um aliado. O conflito aberto entre as duas organizações atingiu o auge em Janeiro de 1969, quando dois Panteras importantes, John (Jon) Huggins e Alprentice "Bunchy" Carter morreram num tiroteio às mãos de membros dos US, numa reunião da Associação de Estudantes Negros no campus da UCLA. Isso desencadeou numerosos artigos e *cartoons* políticos na publicação *The Black Panther*, que criticavam o nacionalismo cultural em geral e Karenga em particular. Havia mesmo acusações de que Karenga era inclusivamente pago pelo FBI e/ou outras agências policiais e do governo.

Um elemento importante da retórica dos US apelava à submissão das mulheres à "autoridade" masculina tradicional e promovia a noção de papéis de género complementares. De acordo com os ensinamentos de Karenga,

O que torna uma mulher atraente é a feminilidade e não pode ser feminina sem ser submissa. Um homem tem que ser um líder e tem que ser um homem que baseie a sua liderança no conhecimento, na sabedoria e na compreensão. Não há nenhuma virtude na independência. A única virtude está na interdependência... O papel da mulher é inspirar o seu homem, educar as suas crianças e participar no desenvolvimento social... Nós afirmamos que a supremacia masculina está baseada em três coisas: tradição, aceitação e razão. A igualdade é falsa; é um conceito demoníaco. O nosso conceito é complementar. Complementar quer dizer que completamos ou tornamos perfeito o que é imperfeito.

Karenga, bem como outros defensores de papéis de género complementares para homens e mulheres, raramente abordou os desequilíbrios de poder entre os respectivos papéis prescritos. Estas teorias tenderam também a fundar-se fortemente no determinismo biológico e em noções de "ordem natural" ao avaliar e atribuir papéis separados para mulheres e homens negros. Na prática, a teoria complementar conduziu frequentemente a incidentes ridículos entre mulheres activistas negras e membros dos US, como quando disseram à Pantera Elaine Brown que tinha de esperar para comer até que tivessem dado de comer aos "guerreiros" homens, e, noutra ocasião, quando Angela Davis foi demovida ou impedida de ficar com uma função de líder porque esta era vista como "trabalho para homens".

O importante artigo de E. Frances White "Africa on My Mind: Gender, Counter Discourse, and African-American Nationalism" fornece uma crítica detalhada das várias facetas do nacionalismo cultural, incluindo o de Karenga, que "pode ser radical e progressista em relação ao racismo branco e conservador e repressivo em relação à organização interna da comunidade negra". Como indica

White, Karenga e outros nacionalistas constroem “memórias políticas colectivas da cultura africana... que tanto se opõem ao racismo... e constroem relações de género utópicas e repressivas”. Argumenta, em específico, que “ao basear-se nos conceitos conservadores de relações de género africanas 'tradicionais' antes do domínio colonial, [Karenga] defende que as necessidades colectivas das famílias negras dependem dos papéis complementares e desiguais das mulheres”.

Apesar de os próprios membros do BPP terem invocado a teoria complementar nos inícios da organização, as políticas e práticas descaradas de supremacia masculina da organização US exacerbou o relacionamento já frágil entre as duas organizações. Bobby Seale incluiu a questão do chauvinismo masculino na sua oposição pública ao nacionalismo cultural, numa entrevista em 1970. Afirmou que “os nacionalistas culturais como Karenga são chauvinistas masculinos também. O que fazem é oprimir a mulher negra. O seu racismo negro leva-os às teorias da dominação masculina”. Para Seale, a ligação entre racismo e sexismo era a de que ambas eram práticas de dominação que se alimentam uma da outra através de um processo indeterminado. Apresentou o BPP como uma alternativa viável à US e ao nacionalismo cultural devido à linha partidária consideravelmente mais progressista das Panteras em termos de “questão de género”. O *timing* da afirmação de Seale reflectia os esforços internos do partido para equilibrar a existência do chauvinismo masculino nas suas fileiras e refinar a sua ideologia de género. Pode também ter sido uma tentativa de desviar a atenção negativa das próprias contradições do partido nestas questões.

Uma segunda tendência ideológica que influenciou o terreno social e político dos anos 60 subsume-se na rubrica do feminismo e do movimento predominantemente branco do *Women's Liberation Movement* (WLM - Movimento de Libertação das Mulheres). Muitas mulheres brancas jovens que eventualmente tiveram papéis de liderança na segunda onda do movimento feminista nos Estados Unidos tinham estado já envolvidas politicamente e desenvolveram a sua consciência de género nos movimentos *Black Freedom Movement* (Movimento para a Libertação Negra) do Sul e a *New Left* (Nova Esquerda). Por exemplo, em 1965, respondendo a um acumular de tensões de género no cerne dos *Students for a Democratic Society* (SDS - Estudantes para uma Sociedade Democrática) e um reconhecimento acrescido das suas próprias potencialidades, as mulheres da organização pressionaram esse grupo para emitir um comunicado sobre o papel das mulheres no movimento estudantil e na libertação das mulheres. O crescimento de várias facções no movimento das mulheres, tal como o feminismo radical, o separatismo lésbico e as facções eleitorais de mulheres de cor continuou durante toda a década até aos anos 70. Embora os primeiros defensores da WLM professassem abranger as questões, necessidades e exigências de todas as mulheres, a sua definição inicial do termo feminismo e as suas estratégias, ideologia, tácticas e associativismo eram dominados pelas mulheres brancas da classe média.

O aumento de visibilidade de um movimento das mulheres feministas de meados até final dos anos 60 é retratado com o domínio exclusivo das mulheres brancas na maioria dos textos históricos. Ainda que a proliferação de organizações explicitamente feministas entre as mulheres brancas não possa ser negada, algumas das agitações iniciais traduzindo uma consciência de género incipiente podem ser encontradas nas actividades de mulheres negras, especialmente as do *Student Nonviolent Coordinating Committee* (SNCC - Comité de Coordenação de Estudantes Pacifistas). As mulheres negras em organizações negras (com mistura de géneros) não se relacionaram necessariamente com a designação de feministas tal como é avançada pelas teorias e actividades das organizações predominantemente brancas da WLM. Todavia, esta falta de identificação com os termos “feminista” ou “libertação das mulheres” não deve impossibilitar o reconhecimento de que as mulheres negras que se organizaram em torno de questões como a brutalidade policial, o racismo, a pobreza, o imperialismo e a libertação das mulheres negras tiveram um impacto

significativo no desenvolvimento da consciência de género durante este período. Com efeito, a sua participação e a liderança nestes cenários representaram um desafio à comunidade negra para encarar todas estas questões como efectivamente questões das mulheres negras, bem como preocupações da comunidade como um todo. A sua presença em organizações negras forçou o reconhecimento do sexismo em algumas daquelas organizações e do racismo e polarizações de classe média em muitos dos grupos de mulheres brancas. A historiadora Deborah King recorda que "as preocupações feministas negras... existem há bem mais de um século. Ou seja, as mulheres negras não se tornaram feministas apenas nos anos 70". Nem tiveram que se sustentar em organizações e teorias das mulheres brancas para definir os termos da sua feminilidade ou interesses políticos.

O Partido dos Panteras Negras contactou directamente com vários grupos de libertação, predominantemente de mulheres brancas. O nível destas interações diferiu entre secções locais e variou até de pessoa para pessoa. Em algumas áreas, os grupos WLM locais organizaram *benefits* e comícios para prisioneiros políticos das Panteras. Por exemplo, um artigo no jornal The Black Panther relatou a participação de mais de cinco mil pessoas num comício de apoio à secção de New Haven das Panteras e em protesto contra o tratamento particularmente cruel de mulheres Panteras na prisão. De acordo com o autor desse artigo:

Secções locais e filiais do Partido dos Panteras Negras e grupos do Movimento de Libertação das Mulheres do Massachusetts, de Connecticut, de Nova Iorque, de Nova Jérquia, da Pensilvânia, de Maryland e de Washington, D.C. participaram na marcha e no comício. Organizado pela secção local de New Haven do Partido das Panteras Negras, e por grupos do Women's Liberation na maior parte de Nova Iorque, a acção expôs os actos abertamente fascistas dos bófiaes porcos do Connecticut... contra os que estão a favor do povo - o Partido dos Panteras Negras.

O Partido não tinha uma posição oficial sobre as ideologias e tácticas das organizações do WLM até à declaração de Huey P. A "The Women's Liberation and Gay Liberation Movements" (Os movimentos de libertação das mulheres e de libertação dos gays), de Agosto de 1970, apelando à formação de coligações de trabalho entre as facções revolucionárias de ambos os movimentos. Antes desta declaração, membros individuais do Partido tinham diferentes perspectivas críticas. Algumas das críticas mais completas e profundas face ao WLM vinham de mulheres das Panteras. As mulheres (e homens) das Panteras acabariam por chegar à conclusão de que a luta pela libertação das mulheres era parte da luta contra o capitalismo e, como tal, deveria ser levada a cabo por homens e mulheres em conjunto. De acordo com um membro antigo, nunca se tomou posição sobre o facto de a libertação das mulheres fazer ou não parte da luta de libertação negra, mas o Partido sentiu a necessidade de assumir posições mais formais sobre a questão em parte devido ao crescimento do WLM.

As irmãs Panteras afirmaram, numa entrevista de 1969, que sempre que as organizações de mulheres não se dedicassem à luta de classes e a campanhas de libertação nacional, não estariam a contribuir realmente para o movimento de libertação das mulheres, pois para que as mulheres se possam realmente emancipar neste país é necessário que haja uma revolução social. A crítica feita por várias organizações de libertação das mulheres vem da premissa base de que os movimentos de libertação das mulheres viram "as contradições/oposições entre homens e mulheres como uma das maiores contradições da sociedade capitalista... e desenvolveu-se/tornou-se uma contradição antagonista, mas é na verdade uma contradição entre pessoas. Não é uma contradição entre inimigos." As mulheres Panteras reconheciam que a relação entre mulheres negras com homens

negros era qualitativamente diferente das relações de género entre brancos. Em 1971 Kathleen Cleaver afirmou numa entrevista que

Os problemas das mulheres negras e os problemas dos brancos são tão diferentes que não podem ser resolvidos no mesmo tipo de organização nem encontrar-se no mesmo tipo de actividade... Eu compreendo que as mulheres brancas não consigam relacionar-se com os homens brancos e tenho pena das mulheres brancas por terem de lidar com esse tipo de pessoas.

Além dessas diferenças teóricas, as mulheres do BPP entrevistadas também questionaram a estrutura e as práticas de algumas organizações (de libertação). Uma mana (*one sista*) rejeitou as estruturas anti-masculinas e separatistas, usadas por algumas organizações, por serem “ilógicas... porque não se pode resolver o problema longe dele. Não nos podemos livrar do machismo se não o enfrentarmos – se fugirmos dele”.

Embora algumas das mulheres tenham negado a utilidade dos grupos partidários femininos e dos grupos separatistas, outros concordaram que estes grupos devem ser julgados pela sua prática e poupados da crítica até que se perceba qual foi o real contributo que deram na luta pelo socialismo. Embora as mulheres Panteras tenham habitualmente preferido não trabalhar em organizações exclusivamente femininas, e muitas não se vissem como feministas, não significa necessariamente que elas aceitassem o chauvinismo ou o sexismo. A maioria esperava ser tratada pelos companheiros como iguais, como camaradas revolucionárias. Membros do Partido das Panteras Negras, tanto mulheres como homens, envolveram-se com o movimento pela libertação da mulher em questões de género e do papel das mulheres negras no movimento.

Uma peça fundamental para entender a paisagem ideológica deste período e que influenciou o pensamento sobre género diz respeito à alegada deficiência estrutural e cultural das famílias negras “The Negro Family: a case for National Action”, publicado em 1965, de Daniel Patrick Moynihan com o apoio do Departamento do Trabalho dos Estados Unidos, causou um debate intenso entre várias perspectivas.

O relatório de Moynihan serviu-se da Sociologia, da História, das anedotas e de informação estatística para concluir que as famílias negras eram matriarcais, que os homens negros estavam, por isso, inaptos a desempenhar os papéis que se exige que os homens desempenhem numa sociedade patriarcal, e que o padrão que resulta das famílias lideradas por mulheres seria responsável por um “emaranhado patológico” no qual as famílias negras se encontravam. Segundo o que afirma Moynihan, “as comunidades negras foram forçadas a uma estrutura patriarcal que, por ser tão fora da norma face ao resto da sociedade norte-americana, atrasou seriamente o progresso do grupo como um todo e impõe um fardo pesado ao Homem negro e, em consequência, a muitas mulheres negras também”.

As ideias presentes neste relatório, que sugeriu a mudança no foco das políticas de direitos civis governamentais, foram tornadas públicas. Surgiram respostas a Moynihan de vários sectores das comunidades negras, incluindo académicos, activistas de base, políticos, prestadores de serviços, artistas e intelectuais independentes. Embora as implicações do relatório de Moynihan tenham sido importantes para o debate interno na comunidade negra, esse não deve ser considerado o início da discussão sobre o matriarcado negro, a castração do Homem negro, e similares.

Moynihan meteu-se, e por acréscimo o governo federal e os média, em discussões que já existiam dentro das comunidades negras. Ele serviu-se de trabalhos anteriores sobre a estrutura das famílias negras para reforçar as suas conclusões, em especial a obra “A Família do Negro nos Estados Unidos”, de E. Franklin Frasier. Há poucas referências ao trabalho de Moynihan na literatura das

Panteras Negras. No entanto, registam-se adesões às suas teses principais em obras das Panteras sobre a estrutura da família negra, escravatura e políticas sexuais nas relações entre negros e brancos. No ensaio de 1967, “Medo e Dúvida”, Huey P. Newton escreveu que

ele (o homem negro), sente-se alguma coisa menos que um homem... frequentemente a sua mulher (capaz de manter um trabalho como empregada doméstica, fazendo limpezas para os brancos) é o ganha-pão. Ele é por isso visto como inútil pela sua mulher e filhos. Ele é inútil em casa e fora dela. Ele não consegue sustentar ou proteger a sua família... a sociedade não vai encará-lo como homem.

Newton não está longe de Moynihan nas suas asserções dos dilemas da masculinidade negra em geral e da aparente inaptidão do homem negro para viver de acordo com as normas patriarcais da sociedade em geral. Neste caso, Newton falhou na contestação da noção de homem como provedor e protector nas famílias negras e corroborou a opinião de que as mulheres negras desvalorizavam, desrespeitavam, dominavam os homens negros, eram privilegiadas com vantagens económicas à custa da masculinidade negra.

As discussões dentro do Partido a respeito dos papéis e relações de género responderam à tese do matriarcado negro e da patologia cultural de formas variadas e, às vezes, contraditórias.

As Panteras podiam, ao mesmo tempo, condenar o racismo na sociedade americana e as afirmações sobre a família negra e a sua cultura como sendo iminentemente patológicas, e defender um ideal de relações de género dominadas pelo masculino. Para complicar ainda mais, Newton questionou a validade e utilidade da “família burguesa”, descrita por ele como “uma experiência aprisionadora, escravizante e sufocante”, o que levou o Partido a experimentar uma vivência e relações sexuais comunitárias.

Embora este desafio ao núcleo familiar tradicional possa ser visto como radical, a aceitação do domínio masculino nestas relações alternativas pode diminuir o seu potencial revolucionário. Este ponto ilustra bem a análise de Frances White à “relação entre discurso dominante e contradiscurso”. Ela sublinha que “como partes da mesma dialética, o contradiscurso opera ao mesmo nível do que a ideologia dominante”. Enquanto o Partido das Panteras Negras fez críticas fundamentais à sociedade americana, os membros do Partido socializavam aceitando muitas das normas hegemónicas. Embora o nacionalismo cultural, o feminismo e as teses do matriarcado negro não fossem só predominantemente ideológicas e parte do discurso popular nas décadas de 60 e início de 70, o seu impacto foi sentido nacional e internacionalmente. As várias secções do Partido podem ou não ter tido contacto directo com organizações ou indivíduos que abraçavam uma destas perspectivas.

De qualquer forma as suas ideias e actividades foram linhas críticas no tecido cultural desse período. Como tal, eles tornaram-se parte do quadro amplo das ideologias de género antagónicas em que o Partido funcionava e o seu impacto está representado numa miríade de formas culturais, incluindo ficção, filmes, literatura académica e poesia. De notar que a ideologia de género oficialmente defendida pelos líderes das Panteras Negras, incluindo Huey Newton, Bobby Seale e Eldridge Cleaver, mudou ao longo do tempo. Inicialmente a ênfase foi dada à ligação entre libertação negra e recuperação da masculinidade negra.

Contudo, na década de 70, os “8 pontos de atenção” que eram recitados pelos recrutas dos Panteras, tinham no ponto sete a recomendação de “não tomar liberdades com mulheres”. Esta evolução na ideologia de género na liderança das Panteras reflectiu-se em tomadas de posição e acções por parte dos funcionários masculinos que, frequentemente, abandonaram

comportamentos excessivamente sexistas e chauvinistas, como resultado da sua convivência com as mulheres Panteras que ocupavam posições de liderança.

Enquanto a imagem do BPP, tanto nos anos 60 como agora, é a de um culto com domínio masculino e machista, a retórica e a realidades dos Panteras merecem uma descrição mais detalhada; temos de ter em conta as diferentes experiências individuais dos membros do Partido, assim como as mudanças ideológicas subtis feitas pelos líderes (homens).

Observação e participação: quotidiano da luta de géneros na ideologia e na prática

Huey P. Newton foi frequentemente citado quando disse que muitas pessoas aprendem, em primeiro lugar, pela observação e participação. Este ponto sustenta o argumento de que os eventos do quotidiano eram importantes para moldar a consciência e a prática dos membros do Partido.

É decisivo que comecemos por explorar a lutas diárias sobre o género e as definições de masculinidade e feminilidade negras, não apenas os momentos extraordinários de ruptura e conflito (embora estes também sejam importantes). Não estou a sugerir que o BPP fosse um viveiro de investigação crítica sobre as questões de género. Pelo contrário, muitas destas interacções dialógicas surgiam nas rotinas diárias de viverem e trabalharem em conjunto.

Por outras palavras, as acções dos membros do Partido muitas vezes representavam a sua teoria. Alguns exemplos tirados das experiências das mulheres do Partido servem para ilustrar o impacto das políticas de género e das dinâmicas de poder no quotidiano.

A falecida Conni Matthews, que trabalhou na secção internacional e na sede de Oakland, lembrava que

Em teoria, o partido das Panteras era pela igualdade dos sexos... na luta diária com os companheiros, havia muito desrespeito, não é?... uma coisa é defenderes que ideologicamente acreditas numa coisa. Mas estás a pedir às pessoas para mudar de atitudes e estilo de vida da noite para o dia, não é possível. Eu diria que havia muita luta e havia muito machismo... mas que, apesar de tudo, em termos de igualdade... as mulheres tinham papéis de liderança muito fortes e eram respeitadas enquanto tal. Não significa que tenha acontecido automaticamente.

Matthews reconhece a existência de sexismo no Partido mas, ao mesmo tempo, sublinha a existência de luta da parte das mulheres (e homens) para combater as disparidades entre a retórica do Partido e a realidade concreta da organização da vida e do trabalho.

Ela confirma uma consciencialização da influência da socialização nas ideias e comportamento dos membros do BPP. Ainda assim, a sua afirmação é ambígua quanto a saber se ela via as “atitudes e estilos de vida” machistas como geradas dentro do Partido, por influência de fora das comunidades negras ou ambas.

Ela também dá uma ideia do que pensa, quando opina sobre a forma como as diferenças de classes afectaram as relações de género, como no caso dos companheiros de luta que eram particularmente desrespeitosos.

As afirmações de Assata Shakur corroboram as conclusões de Matthews acerca das lutas diárias das mulheres para serem respeitadas no Partido. Segundo Shakur,

muitas de nós adoptaram um estilo macho de forma a sobreviver no Partido das Panteras Negras. Era muito difícil dizer “Ouve mano, acho que devíamos fazer isto e aquilo...” Para sermos ouvidas tínhamos que dizer “olha, cabrão”(look mothafucka). Tínhamos de desenvolver uma arrogância “macho Style”, de maneira a sermos ouvidas... estávamos sempre ocupadas nessas lutas do dia-a-dia para sermos respeitadas no Partido das Panteras Negras.

Aqui Shakur mostrou uma estratégia usada por algumas mulheres no Partido para exercerem o poder de participar assumindo o estilo, o comportamento e a postura supostamente masculinos. Esta abordagem da organização política é mais autoritária do que democrática e foi criticada por Shakur numa outra ocasião. No entanto, a presunção das mulheres negras a respeito de um estilo e de um vocabulário associados ao privilégio masculino reforça a noção de que os homens têm uma agressividade e capacidades inatas para liderar, noção esta que está exactamente na base das ideologias de género machistas, incluindo algumas formulações iniciais dos BPP. Apesar de esta postura *macho* das mulheres poder ter contribuído para reforçar a ideia de que as mulheres negras são dominadoras, também põe em causa a ideia de que só os homens negros deviam dirigir e proteger as mulheres negras. O facto de que algumas mulheres tiveram de modificar o seu comportamento em público de forma a poderem ser respeitadas, demonstra até que ponto as dinâmicas de poder regidas pelo género afectaram as vidas dos membros do Partido. As lutas internas, descritas por Matthews e Shakur, afectam directamente a cultura da organização e a sua capacidade de funcionar, mas escondem-se em análises que não encaram as relações de género como relações de poder.

A maneira como mulheres e homens entenderam os seus respectivos papéis, e o exercício relativo de poder que trouxeram à suas relações, não eram dinâmicas meramente pessoais mas também interacções políticas e escolhas feitas dentro do Partido. Embora a um nível prático o diálogo sobre o género tenha sido afectado pelo número crescente de mulheres, foi determinante o facto de, através das suas ações, essas mulheres terem exigido um certo nível de respeito e reconhecimento por parte dos membros masculinos. As mulheres Panteras frequentemente testaram e alongaram as fronteiras amplamente masculinizadas das estruturas do Partido. Muitas dessas mulheres tinham uma posição baixa, ou nem sequer um cargo formal na hierarquia. Apesar disso, os seus feitos heróicos levaram-nas a posições importantes, dentro e fora do BPP. Mulheres como Joan Bird, Afeni Shakur e tantas outras funcionárias lutaram figurativa e literalmente pelos princípios revolucionários e plataforma do Partido. Muitas estiveram envolvidas em confrontos armados com as autoridades policiais, ao lado dos homens Panteras. Com isso desafiaram as velhas ideias do Partido de que a defesa da comunidade seria trabalho para os homens. O tratamento policial brutal que estas mulheres sofreram tornou claro para elas e para a comunidade negra que não poderiam esperar benevolência ou conforto dos estereótipos das mulheres como sendo frágeis, fracas e carentes de protecção.

Afinal de contas esta construção histórica da feminilidade nunca se aplicou a mulheres negras na sociedade em geral (embora alguns nacionalistas tenham adaptado as suas variações). A ideia propagada por Moynihan, e até por alguns Panteras, de que as mulheres negras receberiam um tratamento especial por parte das agências governamentais e da sociedade em geral, foi abalada.

Quando estas mulheres negras, envolvidas em esforços militantes de organização, saíam dos papéis atribuídos tradicionalmente às mulheres ou aos afro-americanos, o seu tratamento assemelhava-se mais às experiências dos seus camaradas masculinos negros do que ao dado às mulheres brancas. As agências governamentais racistas e sexistas e uma entidade política *mainstream* racista e sexista responderam às mulheres das Panteras Negras, dizendo que eram pessoas negras que “não sabiam estar no seu lugar” no que respeita ao seu género, raça ou classe.

Os exemplos acima atestam a habilidade de algumas mulheres negras em conquistarem um espaço para o seu próprio empoderamento num contexto de uma organização de domínio masculino formal, frequentemente diante do chauvinismo e do assédio masculino extremos vindos de dentro e de fora. Ao reconhecer as mulheres como líderes fortes no Partido, Connie Matthews legitimiza as contribuições das mulheres como cruciais para a sobrevivência da organização. Ao fazê-lo,

homenageia não só as capacidades de liderança das mulheres mais conhecidas (e em cargos mais altos) no BPP, tais como Ericka Huggins, Kathleen Claver e Elaine Brown, mas também as funcionárias locais.

A reivindicação de Matthews de que as mulheres tinham posições de liderança importantíssimas é confirmada por outros relatos. Muitas antigas Panteras recordam que as mulheres eram responsáveis tanto em termos da liderança, como de pessoal em programas centrais do Partido, tais como os programas de pequenos-almoços grátis, as escolas para a libertação e as clínicas médicas; contudo, a imagem do Partido nos *media* era e é centrada na figura masculina. O Partido recrutou também “mães, avós e guardiãs da comunidade negra para o bem-estar” para ajudar a preencher as equipas dos programas de pequenos-almoços em particular. Tal como a antiga Pantera Malika Adams conta,

As mulheres faziam andar e muito o BPP. Não sei como é que chegou a ser Partido masculino ou sequer se pensou como sendo masculino. Porque essas coisas, quando se olha realmente em termos da sociedade, essas coisas são vistas como sendo coisas femininas, não é, dar comida às crianças, tomar conta dos doentes e assim. Sim, nós é que o fazíamos. Nós é que fazíamos funcionar os programas do BPP.

A sua avaliação da proeminência das mulheres não apenas nos transmite uma análise da história participativa ou a de que “as mulheres também lá estavam” mas, também, e a um nível ainda mais significativo, defende novas definições de liderança e política. Como Adams indica, os tipos de actividades prescritas nestes programas de sobrevivência comunitária frequentemente representavam uma extensão dos papéis “tradicionais” das mulheres na família: amas, prestadoras de cuidados às crianças, transmissoras de valores, etc. Contudo, tanto os homens como as mulheres das Panteras faziam parte do pessoal nos programas, sendo um desafio, portanto, para os papéis de género masculinos delimitados. Estes tipos de trabalhos do movimento costumam ser categorizados, tanto pelos historiadores como pelos activistas, como “trabalho de apoio” ou “serviço à comunidade,” contrariamente ao activismo político “a sério”. Estas tarefas eram o fluido vital da organização e, como tal, devem ser entendidos mais rigorosamente como formas de liderança política. Dado o contexto de repressão estatal, estas actividades assumiram uma função explicitamente política e pública e foram frequentemente locais de luta intensa com as autoridades. Assim, as capacidades de falarem público e os títulos formais não eram os únicos marcadores de capacidades de liderança, algo que o FBI não ignorou.

Os programas de sobrevivência das Panteras constituíam uma oposição ideológica e prática à campanha de desinformação e destruição levada a cabo contra o BPP. Com efeito, muitas das actividades do FBI contra o Partido visavam minar as operações dos pequenos-almoços grátis para as crianças e outros "programas de sobrevivência" de base comunitária. Um memorando de 1969 por parte do director do FBI, J. Edgar Hoover, descreveu o programa de pequenos-almoços grátis como "a actividade mais bem conseguida e mais influente do BPP e, como tal, é provavelmente a maior ameaça aos esforços das autoridades... para neutralizar o BPP e destruir aquilo por que se bate."

As experiências de Janet Cyril, membro da secção de Brooklyn, dão mais pistas sobre este ponto. Como uma das fundadoras dessa secção, tornou-se coordenadora dos programas de pequenos-almoços grátis para toda a cidade. Pelo meio, foi expulsa do Partido nada mais nada menos do que quatro vezes. Argumenta que isso se deveu em parte à sua atitude anti-autoritária, a qual, na sua opinião, era ainda menos tolerada por ser mulher. Um das vezes deveu-se a ter-se recusado a ter sexo com um membro num cargo muito elevado do Comité Central do Partido: "Ele pensava que ia

para a cama comigo. Mas era coisa que não ia acontecer. Foram-me dadas várias ordens directas a que desobedecei de forma muito directa (risos)... Ainda por cima, na rua onde vivia, por causa das regras de estacionamento, o carro deles foi rebocado de manhã porque adormeceram".

Depois deste episódio, Cyril foi expulsa acusada de sabotagem. Descobriu mais tarde, pesquisando nos arquivos do Programa de Contra-Inteligência do FBI (COINTELPRO), que o FBI introduziu deliberadamente desinformação usando um informador real, fazendo crer que Cyril era a informadora. Esta tática específica era chamada de "bad-jacketing" ou "snitch-jacketing". Um memorando interno do FBI, recorda, indicava que ela deveria ser alvo de "neutralização" devido ao seu empenho como organizadora.

Este exemplo ilustra a importância dos programas de serviço à comunidade na atribuição de credibilidade e longevidade ao BPP, precisamente o motivo por que o FBI empreendeu esforços tão determinados para miná-los. Dá também um exemplo claro das relações de poder em jogo nas interações sexuais, pois Cyril foi expulsa pelo menos uma vez por recusar-se a participar naquilo a que alguns membros do Partido chamavam de "foda socialista", ou participar ostensivamente em relações sexuais como se tratassem de um dever revolucionário. Neste caso, o impacto político da jogada de poder feita pelo líder masculino em boa verdade servia os interesses do aparelho repressor de Estado e ajudava a enfraquecer a eficácia dos líderes e programas-chave a nível local. Neste âmbito, as contradições entre a teoria e a prática da liderança nacional no que respeita às relações sexuais e à auto-determinação sexual afectaram directa e negativamente a capacidade dos Panteras para funcionarem como uma organização política viável.

Conclusões

A evolução ideológica dos membros do Partido foi um processo contínuo, repleto de contradições e moldado pelas condições materiais e culturais dos finais da década de 60 e início de 70. O número crescente de mulheres no Partido em posições de militância e de liderança e a severidade da repressão estatal dirigida a todas as Panteras contribuíram para um cenário de tensão que permitiu estarem as suas novas ideias sobre género e revolução.

Os membros do BPP eram eles próprios produto de uma sociedade mais alargada. Assim, o terreno em que ocorreram os debates intracomunitários sobre género, classe e raça foi influenciado pelos termos da chamada cultura dominante e seus agentes. O Partido era tanto crítico como transmissor da cultura e política norte-americanas. Os Panteras denunciavam os preconceitos dos seus contemporâneos e da sociedade branca mais alargada, mas ao mesmo tempo reiteraram muitas das suas deficiências. Uma antiga membro da secção de Brooklyn do partido relembra que

Até podíamos falar destas coisas [género e sexismo]. Falávamos disso tal como falávamos de capitalismo e imperialismo. Mas não sei se o interiorizámos. Acho que víamos a linha do Partido como não diferenciando [homens de mulheres]. Nós tentávamos ter um pensamento progressista. Mas acho que o que não percebemos foi que éramos também vítimas de uma condição social que o perpetuava e que tínhamos essas características em nós.

Ela reconhece que homens e mulheres se envolviam em discussões sobre questões de género mas as contradições básicas mantinham-se algures entre a teoria e a prática. A maioria ainda não dominava completamente a linguagem e teoria contemporâneas da política de género que se desenvolvia, revia e disseminava nessa altura. Muitas das deficiências emergiram da falta de experiência em abordar tais preocupações num contexto político explícito. Esse foi o caso em especial para os que não detinham qualquer experiência de activismo anterior. As suas

contradições eram parte integrante da dialética entre as normas hegemónicas, que reforçou os papéis de género desiguais e as relações de poder entre homens e mulheres, e as lutas intracomunidade, que tentaram redefinir os termos do discurso, tanto interna, como externamente.

Apesar das suas limitações (ou talvez por causa delas) e das circunstâncias em geral difíceis em que se encontrava, o BPP, ainda assim, estava quase sempre à frente da maioria das organizações nacionalistas negras e de muitas organizações de esquerda e *mainstream* em termos de evolução de abordagem (pelo menos retórica) da "questão da mulher". De acordo com Assata Shakur,

O BPP era a organização mais progressiva da altura e tinha as imagens mais positivas em termos de... da posição da mulher na propaganda... Eu sentia que era a coisa mais positiva que podia fazer porque muitas das outras organizações da altura eram tão sexistas, quer dizer, extremamente... Havia toda uma saturação do ambiente geral com esta conquista do homem... mesmo podendo isso ser opressivo para nós, como seres humanos.... Para mim, entrar para o BPP era uma das melhores opções que havia na altura.

Desta forma, para Shakur e muitas mulheres negras que queriam envolver-se no Movimento pelo Poder Negro e organização de base, o Partido apresentava-se como uma opção viável. O foco programático do Partido depois de 1968 abordava directamente as necessidades das mulheres negras pobres, especialmente as que estavam ocupadas com a maternidade. Fazer parte do BPP permitia também às mulheres e homens terem uma sensação de controlo sobre as suas vidas fora do Partido. Uma boa parte, provavelmente pela primeira vez nas suas vidas, foi capaz de contestar directamente as representações e percepções sobre si da sociedade em geral e lutar por um melhor tratamento por parte do aparelho de Estado, que impunha políticas nas suas vidas e nas suas comunidades. Através da sua ideologia, retórica, imagética e *praxis*, o BPP envolveu a cultura dominante num debate sobre os parâmetros da identidade racial e sexual negra e o seu impacto nas questões políticas. Isso foi particularmente significativo tendo em conta a história das lutas das pessoas negras pelo seu reconhecimento como seres humanos respeitáveis e com direitos plenos. Envolveram-se também e a comunidade negra mais alargada na questão sobre o que significava ser mulher, homem, camarada, revolucionária negras e negros - não em abstracto, mas no calor da luta política.

As tentativas insidiosas do governo dos EUA para destruir a organização e membros específicos restringiu o desenvolvimento de uma teoria e práticas mais auto-reflexivas dos membros do BPP. As pessoas do Partido nem sempre tiveram o conforto ou o espaço para reflectir e rever os erros do passado. Ainda assim, é algo paradoxal e instrutivo que um movimento que inicialmente tinha um foco tão machista tenha, muitas vezes, aberto caminho para o activismo feminista/womanista explícito subsequente das mulheres negras e, em alguns casos, se tenha envolvido em questões mais profundas de papéis de género do que as que pautam actualmente os movimentos sociais, os textos académicos e a cultura popular.

Por exemplo, o filme "Panther" não consegue abordar de uma forma substancial o papel da mulher no Partido, para não mencionar as lutas internas relativamente aos papéis e género e ao comportamento sexista/misógino, como sugeriu muita da crítica sobre o filme. Contudo, alguns dos mesmos críticos da cultura replicam este erro de omissão ao fazerem comentários resumidos como o de que nos anos 60 "acreditava-se que a maior ameaça à nação era um homem negro com uma arma", e o de que o filme é uma "afirmação inspiradora da masculinidade negra, uma imagem do que os Panteras poderiam, e deveriam ter sido". Afirmções como esta justificam e desculpam a desatenção do filme para com a política de género como crucial na história do Partido e, com

feito, reforçam a noção de que os actores centrais e o foco da luta negra deve ser colocado nos homens negros e sua masculinidade. Ao enfatizar-se a "política de pistolas", tanto no filme, como nas críticas, a presença e acções críticas das mulheres Panteras são praticamente ignoradas, ao passo que as complexidades da masculinidade negra são delimitadas por imagens romantizadas de corpos viris e enraivecidos com armas.

Muitos dos debates lançados pelas Panteras Negras na sua comunidade reemergiram no contexto de um nacionalismo cultural em renascimento nas comunidades negras dos Estados Unidos.

Infelizmente, tanto a linguagem, como o conteúdo de muitas das discussões contemporâneas reflectem pouco ou nada um reconhecimento do alcance histórico destas questões, nem o progresso, mesmo que limitado, das abordagens passadas. Mais uma vez se fala dos homens negros e estes falam de si como castrados ou "espécie em vias de extinção". As mulheres negras costumam ser referidas como cúmplices neste processo ou como sendo bem-sucedidas às custas dos homens negros. As formulações mais populares culpam as mulheres pobres da classe operária pela sua alegada incapacidade de criar jovens/homens negros e acusam as mesmas mulheres negras de aceitarem de bom grado um tratamento especial e direitos imerecidos por parte da sociedade branca. Parafraseando a literatura oficial de convocatória para a marcha *Million Man March*, os homens negros têm de retomar o seu lugar de patriarcas das famílias e comunidades negras.

A interrelação entre as formas como as pessoas negras são visadas em termos e ataques específicos relacionados com género, classe e orientação sexual não são reconhecidos por uma aceitação de análises lineares do tipo "ou/ou" aos problemas que afectam as comunidades negras no seu todo.

Em prol da chamada união negra, muitas vezes sacrificamos ou ignoramos as necessidades dos sectores mais oprimidos e marginalizados das nossas comunidades em detrimento do todo. Aqueles que se atrevem a constatar as práticas opressivas da heterogeneidade e da identidade dentro de e entre comunidades negras são silenciados e atacados como divisionistas ou assimilacionistas, como traidores da raça ou, pior de tudo, como não sendo negros autênticos e puros o suficiente. Atente-se no humor virtualmente ordenado e ataques públicos contra pessoas dentro da comunidade, em especial mulheres negras como Angela Davis, que discordou da política, foco e agenda (ou falta dela...) de género por parte da *Million Man March*.

Todos beneficiaríamos de uma interrogação mais próxima e complexa, bem como de uma discussão pública das lutas históricas em torno das mesmas questões, desde a escravatura até ao presente, uma que não passasse a limpo os erros e as diferenças internas, que nos ajudasse a redefinir os nossos papéis e relacionamentos de formas que possam cuidar e manter a comunidade e construir um movimento negro progressista para o século XXI.